

## CAPÍTULO XXVI

### Semelhanças e Perspectivas

O CONTROLE ESTATAL DA economia é, antes de mais nada, uma estratégia de industrialização e desenvolvimento para sociedades atrasadas. No caso da União Soviética e da China, esta estratégia coincidiu com revoluções originalmente socialistas. A lógica da industrialização estatal, entretanto, sobrepôs-se ao idealismo revolucionário socialista. As demandas do desenvolvimento das forças produtivas, consubstanciadas em maior unidade e organização social, aliaram-se aos interesses de uma nova classe de tecnoburocratas austeros e modernizantes, que emergiu do seio da revolução socialista. A experiência soviética já tem mais de sessenta anos, a chinesa completa agora trinta anos. Na União Soviética, com a morte prematura de Lenin, a burocracia tomou cedo o poder, sob a liderança de Stalin; na China, a resistência de Mao à burocracia foi muito mais longa e profunda. Em ambos os casos, e em particular na China, houve uma certa caminhada em direção ao socialismo, mas mais decisivo foi o percurso em direção ao estatismo, apoiado nas necessidades ou pressões de maior desenvolvimento das forças produtivas.

Na China, com a retomada do poder pela tecnoburocracia, depois do fim da Revolução Cultural, o processo de abertura em relação ao Ocidente acelerou-se, ao mesmo tempo em que o processo de desenvolvimento voltava a ter precedência sobre a distribuição de renda e a autogestão operária. A política das quatro modernizações foi transformada no imperativo fundamental da sociedade chinesa. Disciplina, trabalho árduo,

hierarquia, divisão de trabalho, incentivos monetários foram novamente enfatizados. Ao mesmo tempo, a China passava a dar prioridade absoluta à transferência de tecnologia, os investimentos das multinacionais eram estimulados, o turismo transformava-se em uma fonte de divisas, o comércio com os países capitalistas crescia rapidamente.

Face a estas modificações, alguns imaginaram que a China estaria caminhando no sentido do capitalismo. Esta suposição não tem nenhum fundamento. O capitalismo foi há muito liquidado na China e não apresenta qualquer perspectiva de ser ressuscitado.

Outros se perguntaram: será que, ao entrar em contato com a tecnologia e os bens de consumo do Ocidente, o regime chinês não irá se desfigurar?

Esta questão é mais pertinente. E para respondê-la será preciso primeiro saber o que significa o "desfiguramento do regime chinês". Se significa o progressivo abandono do socialismo e sua substituição pelo estatismo, esse processo está em pleno desenvolvimento. A absorção acelerada de tecnologia ocidental poderá apressá-lo, mas não implicará nenhuma mudança de tendência. Mudança de tendência seria a Revolução Cultural, mas ela foi abandonada.

Ora, na medida em que a formação social chinesa se torna aos poucos predominantemente estatal ou tecnoburocrática, ela se aproxima da formação social soviética, apesar de todas as divergências de ordem política. Historicamente, o fato de dois países caracterizarem-se pelo mesmo modo de produção jamais os impediu de serem inimigos.

As semelhanças entre as duas formações sociais são notáveis. O Estado é o único proprietário dos meios de produção, uma tecnoburocracia modernizante, nacionalista, autoritária e economicamente ascética controla o Estado. Um claro igualitarismo econômico e crescentes padrões de vida (estando os da União Soviética em um estágio naturalmente muito superior aos da China) garantem grande estabilidade política. Os privilégios da relativamente reduzida tecnoburocracia dominante dependem das posições na hierarquia do Partido e do governo. Estes privilégios, por sua vez, traduzem-se muito mais em poder e prestígio do que em vantagens econômicas. Ao contrário do capitalismo, em que o poder depende fortemente da capacidade de apropriação do excedente econômico, em ambos os países o poder é autônomo em relação à forma de apropriação do excedente. Esta é feita pelos tecnoburocratas através de ordenados diretos e indiretos, mas estes ordenados não chegam a estabelecer dife-

renças econômicas radicais com os demais trabalhadores. A média tecnoburocracia tende a receber ordenados semelhantes senão inferiores aos dos trabalhadores manuais.

No plano econômico, além do controle estatal, temos ainda outras semelhanças: o planejamento econômico centralizado; a gestão relativamente descentralizada das empresas; a maior autonomia das unidades econômicas no setor agrícola; a estabilidade de preços; os subsídios ao consumo de bens básicos; o baixo preço dos aluguéis; a ênfase na indústria pesada e de bens de capital; o crescimento rápido do produto nacional; a elevação persistente dos padrões de consumo de toda a população. No plano social, uma estrutura de classes semelhante: alta tecnoburocracia de um lado, média tecnoburocracia, trabalhadores urbanos e camponeses de outro; um igualitarismo econômico bastante acentuado. No plano político, o marxismo-leninismo como ideologia oficial; o partido único; o autoritarismo; a estrutura burocrático-hierarquizada do poder; a existência de eleições indiretas que, ao mesmo tempo que buscam legitimar a ordem estabelecida, permitem às bases uma certa participação política; o nacionalismo; a tendência ao imperialismo.

Estas são as semelhanças. Derivam todas do caráter predominantemente estatal e subsidiariamente socialista de ambas as formações sociais. Sem dúvida, o grau de desenvolvimento das forças produtivas é muito mais elevado na União Soviética, a revolução russa tem um pouco mais do dobro da idade da chinesa, o poder da tecnoburocracia está ali mais sofisticado, o estatismo está mais estruturado. Por outro lado, o sistema de comunas e brigadas, segundo o qual está organizada a agricultura chinesa, tem um caráter autenticamente cooperativo, autogestionário, ao mesmo tempo em que se coaduna com as mais antigas tradições chinesas. Por essas razões e pela herança revolucionária de Mao Tsé-tung, podemos ter esperança de que a China se mantenha uma sociedade um pouco mais flexível e aberta.

Mas, se queremos ser realistas, devemos admitir que o caminho dos dois países, com todas as suas qualidades e defeitos, é muito semelhante. Em ambos, o socialismo e a democracia foram colocados em segundo plano em nome da racionalidade tecnoburocrática, do desenvolvimento econômico, da segurança nacional e da elevação dos padrões de vida.

A grande incógnita que o futuro nos reserva é saber se será possível alcançar afinal o socialismo e a democracia, a partir destas experiências estatais ou tecnoburocráticas. O socialismo, a autogestão, a descentrali-

zação econômica, a democracia plena continuam no horizonte das propostas utópicas mas possíveis, tanto para os países capitalistas quanto para os estatais, como a União Soviética e a China. As revoluções socialistas nesses dois países foram prematuras. Nem as forças produtivas haviam alcançado um grau de desenvolvimento, nem o povo havia atingido um nível de cultura e uma capacidade de autogestão suficientes para o socialismo. A burguesia, que se constituía em obstáculo ao socialismo, foi destruída, mas em seu lugar surgiu uma tecnoburocracia cujo poder e privilégios dependem diretamente do sistema estatal implantado. Nenhum dos dois países estava maduro para o socialismo. Para acelerar sua modernização e garantir a independência nacional, acabaram tornando-se formações sociais predominantemente estatais. É certo que as mudanças necessárias para se alcançar o socialismo talvez pudessem ser menos revolucionárias na China ou na União Soviética do que seriam nos países capitalistas avançados, mas, dado o autoritarismo monolítico do regime, é difícil divisar perspectivas para o verdadeiro socialismo e a verdadeira democracia nesses dois países.